Caminhos da Tecnodiversidade: juventude, comunicação e inclusão universitária – relato de experiência da Escola de Inverno FAAC/Unesp 2025
Paths of Technodiversity: youth, communication and university inclusion – experience report of the FAAC/Unesp 2025 Winter School

Doutora **Angélica Aparecida Parreira Lemos Ruiz**
Universidade Estadual Paulista - UNESP
angelica.ruiz@unesp.br ORCID: 0000-0002-1113-320X.

Professora Associada **Célia Maria Retz Godoy dos Santos**
Universidade Estadual Paulista - UNESP
celia.retz@unesp.br ORCID: 0000-0003-4473-8122

Doutora **Natalia Martin Viola**
Universidade Estadual Paulista - UNESP
natalia.m.viola@unesp.br ORCID 0000-0002-1241-9226

RESUMO
Este artigo apresenta uma análise detalhada do relato de experiência da Escola de Inverno FAAC/Unesp 2025 – Caminhos da Tecnodiversidade: Juventude, Conhecimento e Inclusão na Universidade, uma iniciativa de extensão universitária realizada na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Bauru. Inserida no âmbito do Edital PROPG/PROEC/PROPE nº 21/2025, a ação objetivou a aproximação entre estudantes do ensino médio e a universidade pública, por meio da promoção do letramento digital crítico e da inclusão social ampla. A metodologia contemplou oficinas temáticas, palestras especializadas, mostras audiovisuais e atividades culturais fundamentadas em práticas pedagógicas interativas, colaborativas e emancipatórias. Participaram do evento 344 alunos do ensino médio, 62 discentes da graduação e pós-graduação, 14 servidores técnico-administrativos e 15 docentes. O estudo analisa os impactos formativos, comunicacionais e institucionais da experiência, dialogando com o conceito de tecnodiversidade articulado por Hui (2023) e com os pressupostos éticos e políticos da extensão universitária consagrados na legislação brasileira. Os resultados indicam um índice elevado de satisfação (98,8%) e evidenciam o potencial da universidade pública na construção de ecossistemas comunicacionais para a inclusão digital e inovação social, reafirmando seu compromisso democratizante.
PALAVRAS-CHAVE: Extensão universitária. Juventude. Tecnodiversidade. Comunicação pública. Inclusão digital.

ABSTRACT
This paper presents a comprehensive experience report and critical analysis of the FAAC/Unesp Winter School 2025 – Paths of Technodiversity: Youth, Knowledge, and Inclusion at the University, an outreach initiative developed at the School of Architecture, Arts, Communication, and Design (FAAC) of São Paulo State University (Unesp), Bauru campus. Framed within the PROPG/PROEC/PROPE Call No. 21/2025, the initiative aimed to promote engagement between high school students and public higher education through critical digital literacy and broad social inclusion. The methodology encompassed thematic workshops, expert lectures, audiovisual screenings, and cultural activities grounded in interactive, collaborative, and emancipatory pedagogies. The event involved

344 high school students, 62 undergraduate and graduate students, 14 administrative staff members, and 15 faculty members. The analysis addresses the formative, communicational, and institutional impacts of the experience, drawing upon Hui's (2023) concept of technodiversity and the ethical and political principles of university extension enshrined in Brazilian legislation. The results indicate a 98.8% satisfaction rate and highlight the potential of public universities in fostering communicational ecosystems that advance digital inclusion and social innovation, reaffirming their democratizing mission.
KEYWORDS: University extension. Youth. Technodiversity. Public communication. Digital inclusion.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária representa uma dimensão epistemológica e política fundamental da universidade pública, conforme estabelecido por Freire (1983) e normatizado no Parecer CNE/CES nº 608/2018. Distante de uma mera atividade de difusão ou prestação de serviços, a extensão configura-se como um processo dialógico e co-criativo, que media saberes e práticas entre universidade e sociedade, promovendo a transformação social e o exercício da cidadania crítica. Essa dimensão evidencia o compromisso da universidade pública com a inclusão e a democratização do conhecimento em múltiplos territórios sociais.

No panorama contemporâneo, marcado pelos desafios e inovações das tecnologias digitais, a Escola de Inverno FAAC/Unesp 2025 – Caminhos da Tecnodiversidade: Juventude, Conhecimento e Inclusão na Universidade foi idealizada como uma ação extensionista estratégica orientada para a juventude. Inspirada pelo conceito de tecnodiversidade, defendido por Hui (2023) — que enfatiza o reconhecimento da pluralidade dos modos culturais, epistemológicos e técnicos de produção do conhecimento e da tecnologia — a iniciativa buscou articular comunicação, tecnologia e cidadania, promovendo a valorização das múltiplas formas de engajamento digital.

Realizado entre os dias 25 e 27 de agosto de 2025, o evento congregou docentes, discentes e servidores da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC/Unesp), configurando-se como um espaço de vivência universitária transformadora para estudantes do ensino médio, reafirmando o compromisso social e político da Unesp com a inclusão digital e a inovação social.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A formação crítica e emancipatória da juventude no contexto das tecnologias digitais exige a apropriação de práticas pedagógicas dialógicas, horizontalizadas e centradas no protagonismo do sujeito, conforme enfatiza Freire (1996). A extensão assume aqui um papel estratégico como processo comunicativo transformador, capaz de superar a lógica bancária da transmissão de conhecimentos para construir saberes coletivos e contextualizados.

Pierre Lévy (1999) contribui com a noção de inteligência coletiva, que nasce da interconexão e colaboração no ciberespaço, reinventando processos de aprendizagem e produção de conhecimento. Esta inteligência distribuída coaduna-se com metodologias extensionistas baseadas na participação ativa e na coautoria, essenciais para a construção de ecossistemas comunicacionais inclusivos.

Castells (2009) destaca que a sociedade em rede redefine as relações sociais e culturais, apontando que a inclusão digital deve ser concebida para além do acesso material, englobando dimensões de empoderamento comunicacional e autonomia cognitiva para a participação plena na sociedade contemporânea. Jenkins (2019), ao tratar da cultura participativa, reforça a importância do protagonismo juvenil na produção de conteúdos e narrativas, substancial para projetos extensionistas voltados ao público jovem.

O conceito de tecnodiversidade, conforme exposto por Hui (2023), amplia esse debate ao denunciar a hegemonia tecnológica ocidental e defender a pluralidade técnica e cultural na produção do conhecimento. Em consonância, a universidade pública emerge como espaço privilegiado para promover essa tecnodiversidade, articulando conhecimentos locais, inclusão digital e inovação social com uma perspectiva emancipatória e intercultural.

Essas bases teóricas sustentam a concepção da Escola de Inverno como um ecossistema comunicacional de aprendizagem (SANTOS, 2004), onde ensino, pesquisa e extensão se inter-relacionam e integram num espaço simbólico compartilhado, fomentando práticas inovadoras e inclusivas.

3. METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

A metodologia adotada seguiu uma abordagem qualitativa de intervenção universitária, estruturada em três fases - pré-evento, trans-evento e pós-evento - que compreendem o planejamento, execução e avaliação integrados e participativos.

3.1 Pré-evento

O planejamento envolveu a mobilização colaborativa de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos da FAAC, assegurando a co-produção da identidade visual, materiais gráficos e estratégias comunicacionais alinhadas ao conceito central da tecnodiversidade.

Utilizou-se a tipografia institucional Swis721 BT e a paleta verde-água do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMIT), consolidando uma linguagem visual coesa e simbólica. A moeda "+XP" remete à lógica dos videogames e simboliza a experiência e o aprendizado contínuo, representando metaforicamente a proposta extensionista voltada para o ganho cognitivo e social.

A divulgação articulou múltiplos canais - impressos, digitais e comunicação direta - e contou com parcerias com escolas públicas de Bauru, que tiveram acesso facilitado por transporte gratuito fornecido pela universidade, reforçando ações de inclusão.

3.2 Trans-evento

O evento teve 420 inscritos, com amplo engajamento dos diferentes públicos-alvo: 344 estudantes do ensino médio, 62 estudantes universitários, 14 servidores. Foram realizadas onze atividades principais, envolvendo oficinas, palestras, rodas de conversa e mostras audiovisuais.

A Figura 1 traz informações sobre o percentual atendido conforme a segmentação de público:

Figura 1 - Percentuais de inscritos por segmentação de público

ENTRADAS* POR PÚBLICO			
PÚBLICO	**VAGAS**	**INSCRITOS**	**%**
Estudante de Graduação e Pós-Graduação	100	62	62%

Público externo	500	344	69%
Técnico administrativos	50	14	28%
		% TOTAL	65%
** Inscritos no evento - via plataforma Even3.*			

Fonte: Formulário de inscrição.

A Figura 2 a seguir apresenta a participação efetiva dos inscritos por data de evento. O 2º dia alcançou uma média de 100% das vagas disponibilizadas, seguido dos dias 27 e 25.

Figura 2 - participação dos inscritos por data

ADESÃO POR DIA	
DATA	**FREQ.**
1º dia de evento - 25-ago.	59%
2º dia de evento - 26-ago.	100%
3º dia de evento - 27-ago.	86%

Fonte: Formulário de inscrição.

As metodologias priorizaram a aprendizagem ativa, gamificação e protagonismo juvenil, promovendo espaços de coaprendizagem e produção colaborativa. As oficinas abordaram temas contemporâneos e relevantes, como ética na inteligência artificial, produção de podcast e cultura maker, aliando teoria, prática e experiências imersivas em realidade aumentada e virtual.

A visita guiada ao câmpus permitiu o contato direto com a infraestrutura e a dinâmica universitária, favorecendo a compreensão do papel social da Unesp e possibilitando a desmistificação do ambiente acadêmico.

Para esclarecer as particularidades de cada ação, a Figura 3 demonstra a relação entre vagas ofertadas e preenchidas em cada uma das atividades.

Figura 3 - participação dos inscritos por data

ADESÃO POR ATIVIDADE					
DATA	**FORMA**	**ATIVIDADE**	**VAGAS**	**Inscrito**	**%**
25-ago.	Visita guiada	Acolhimento, credenciamento e visita guiada à FAAC	50	40	80%

25-ago.	Oficina	Criando com IA: o que ela sabe sobre nós?	60	58	97%
25-ago	Roda de conversa	Oportunidades e carreiras: como é estudar na Unesp?	120	54	45%
25-ago.	Mostra	Mostra de Curtas em Animação	120	55	46%
26-ago.	Oficina	Podcast e voz: narrativas da juventude	20	24	120%
26-ago.	Roda de conversa	Internet sem vacilo: escolhas éticas no mundo digital: O que você posta, curte e compartilha diz muito sobre você	30	26	87%
26-ago.	Palestra	Palestra interativa: Redes sociais, juventude e desinformação	50	39	78%
26-ago.	Oficina	Criar, experimentar, transformar: a potência das práticas Maker na formação cidadã	50	61	122%
27-ago.	Oficina	Preparação de fotos para mídias digitais	30	36	120%
27-ago.	Oficina	Oficina: Tecnologias imersivas: realidade virtual e aumentada (RV e RA	24	24	100%
27-ago.	Mostra	Sarau Multimídia: Vozes, Imagens e Ritmos da UNESP	150	115	77%

** Inscritos presentes na atividade.*

Fonte: Formulário de inscrição.

Com relação à adesão por tipo de atividade ofertada, houve grande divergência, conforme observa-se na Figura 4.

Figura 4: participação dos inscritos por formato de atividade

TIPO	FREQUÊNCIA
Oficina	110%
Visita guiada	80%
Palestra	78%
Mostra	63%
Roda de conversa	53%

Fonte: formulário de inscrição.

Observa-se que modalidade **oficina** teve a maior adesão (110%), seguida de **visita guiada** (80%) e **palestra** (78%), que apresentaram níveis de participação muito

próximos, ambos acima da média de 76,8%. Essas duas categorias formam um segundo grupo, com adesão robusta, mas sem extrapolar a oferta de vagas.

Já as **mostras** (63%) e as **rodas de conversa** (53%) foram menos expressivas, indicando uma participação relativamente menor nesses formatos. A diferença entre a maior (110%) e a menor (53%) adesão alcançou 57 pontos percentuais, evidenciando grande disparidade no engajamento conforme o tipo de atividade oferecida.

Como o público mais expressivo, formado por alunos do ensino médio, que veio, majoritariamente, em grupos grandes, turmas da mesma escola, e que cada grupo participou de apenas um dia de evento, é possível compreender que a oscilação pode não estar relacionada com o tipo de atividade apenas.

Isso é reforçado ao se observar os números totais de presença em cada uma das atividades, na Figura 3, em que o dia 25 de agosto recebeu, em média, um público maior em suas atividades do que nos outros dias. Isso também se deve ao fato de que as atrações dessa data também comportam um público maior.

As oficinas foram planejadas para receber, em média, 36 participantes, a média mais baixa quando se analisa a disponibilidade de cada atração.

Por outro lado, é possível entender que essa modalidade de atividade pode despertar maior interesse por parte do público geral, pois foi a única que ultrapassou a capacidade de público.

As atividades desenvolvidas ao longo do evento abrangem uma ampla diversidade temática e metodológica, articulando dimensões institucionais, tecnológicas e midiáticas. No primeiro dia, a recepção dos estudantes do ensino médio ocorreu por meio da apresentação institucional da Unesp e da FAAC, seguida de uma visita guiada pelos principais espaços do câmpus. Essa experiência possibilitou aos jovens um contato direto com a vida universitária, tornando tangível o cotidiano acadêmico e ampliando a compreensão sobre o papel social da universidade pública. A atividade, ao combinar informação e vivência, fortaleceu o vínculo entre a instituição e a comunidade externa, despertando nos participantes interesse e pertencimento (Figura 5).

Figura 5 - Registros de recepção dos estudantes do ensino médio.



Fonte: Registro do evento.

As rodas de conversas possibilitaram estabelecer momentos de troca com o público, não apenas para apresentar a Unesp, de forma institucional, mas também para debater sobre responsabilidades e desafios relacionados ao uso das redes sociais.

A "Roda de conversa: Oportunidades e carreiras: como é estudar na Unesp?" (Figura 6), complementou a anterior, uma vez que abordou temas relacionados aos formatos de ingressos, relatos das professoras convidadas e apresentou os principais dados e informações da universidade, de forma dialogada e conforme as dúvidas da plateia surgiam.

Figura 6 – Oportunidade de carreiras: o que é estudar na Unesp?



Fonte: Registro do evento

As oficinas temáticas ampliaram as possibilidades de aprendizagem e um contato mais “prático” com o ambiente universitário. A oficina “Criando com IA: o que ela sabe sobre nós?”, por exemplo (Figura 7), aproximou os estudantes das dinâmicas da inteligência artificial, articulando teoria, prática e reflexão crítica.

Figura 7- Criando com IA: o que ela sabe sobre nós?”



Fonte: Registro do evento

A oficina “Podcast e voz: narrativas da juventude” (Figura 8) apresentou as potencialidades da produção em áudio como ferramenta de expressão e profissionalização. A combinação entre conteúdos teóricos e práticas em estúdio permitiu que os estudantes experimentassem o ambiente universitário e aplicassem a um formato de comunicação, como o podcast, conteúdos teóricos abordados durante a experiência da atividade.

Figura 8 – Podcast e voz: narrativas da juventude



Fonte: Registro do evento

A palestra “Redes Sociais, Juventude e Desinformação" (Figura 9) ampliou o olhar para questões como desinformação e cidadania digital, temas recorrentes e presentes atualmente, que foram apresentados de forma dinâmica. O enfoque na educação midiática revelou-se central para provocar reflexões sobre ética, saúde mental, engajamento e participação cidadã no ambiente digital. Ao final, os participantes foram convidados a socializar os conteúdos apresentados de forma prática, com a aplicação em uma atividade.

Figura 9 – Redes Sociais, Juventude e Desinformação



Fonte: Registro do evento

A oficina “Preparação de fotos para mídias digitais” teve como objetivo capacitar os alunos a compreenderem e aplicar conceitos básicos de fotografia digital, composição visual, edição e otimização de imagens para publicação em mídias digitais (redes sociais, blogs, sites etc.). Durante a oficina (Figura 10), foi possível observar a participação da maioria dos 36 alunos presentes. A atividade se iniciou com uma pequena apresentação da universidade, e uma parte teórica do conteúdo. Também foi realizada uma atividade prática, em que os alunos puderam sair pelo câmpus e fazer suas mobgrafias (fotografias por celular), além de explorar o ambiente universitário.

Figura 10 – Preparação de fotos para mídias digitais



Fonte: Registro do evento

No retorno da atividade prática, os alunos deram continuidade à oficina com uma experimentação de edição de imagens em um aplicativo mobile gratuito, seguida por uma pausa dedicada à troca de experiências e ao esclarecimento de dúvidas. De modo geral, tanto os 36 alunos participantes quanto os dois professores presentes demonstraram elevada satisfação com a atividade e com a oportunidade de realizá-la no ambiente universitário. Observou-se, ainda, o interesse dos estudantes em prosseguir seus estudos no câmpus da Unesp, bem como dos docentes da rede básica em participar de programas de pós-graduação.

Também merecem destaque as mostras audiovisuais, realizadas em parceria com projetos de extensão e com produções desenvolvidas em sala de aula pelos alunos da FAAC, que contribuíram para apresentar ao público as múltiplas possibilidades de

exercício profissional e de atuação dos cursos, especialmente nas áreas de comunicação, de forma criativa e alinhada às demandas atuais do mercado e da sociedade.

Figura 11 - Mostras audiovisuais



Fonte: Registro do evento

A primeira mostra consistiu na exibição de curtas de animação produzidos por alunos do curso de Comunicação: Rádio, Televisão e Internet, seguida de um bate-papo com os estudantes do ensino médio, no qual foram apresentadas as etapas de criação, as experiências práticas de desenvolvimento dos curtas e as possibilidades de atuação

profissional na área audiovisual, ampliando o entendimento do público sobre o processo criativo.

A segunda mostra audiovisual teve caráter interativo, iniciando-se com a realização de um quiz voltado aos alunos do ensino médio, que estimulou a participação ativa e a reflexão sobre conceitos relacionados à produção audiovisual, e culminou na exibição de curtas-metragens produzidos na Unesp, abordando diferentes temáticas sociais e culturais.

Essas atividades reforçaram a aproximação entre universidade e escolas, permitiram a valorização da produção acadêmica, promoveram o letramento audiovisual dos jovens participantes e evidenciaram como o universo universitário é dinâmico, criativo e orientado para o desenvolvimento dos estudantes a partir de seus interesses e habilidades particulares, observada na Figura 11 das mostras visuais.

De modo geral, as ações da Escola de Inverno integraram de forma articulada dimensões de informação, experiência prática e reflexão crítica, oferecendo aos participantes não apenas contato com a estrutura universitária, mas também ferramentas conceituais e práticas para compreender e intervir em fenômenos contemporâneos. O evento promoveu a efetiva integração entre diferentes segmentos da comunidade acadêmica - incluindo estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e técnicos-administrativos - e as escolas da rede básica de Bauru, envolvendo seus estudantes, professores e dirigentes. Essa articulação proporcionou momentos de diálogo direto, trocas de experiências e construção coletiva de conhecimento, consolidando o espaço como um ambiente interativo e de acolhimento institucional.

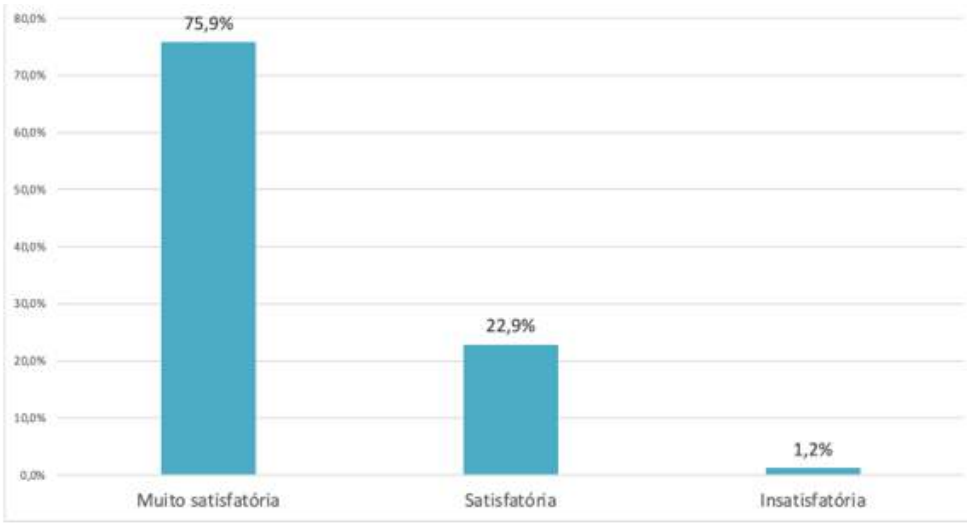
Além disso, a programação - composta por oficinas, palestras, mostras e debates - favoreceu a aproximação entre o universo universitário e as escolas, permitindo que os participantes da educação básica tivessem contato com práticas, metodologias e saberes acadêmicos, enquanto os integrantes da FAAC puderam compreender de forma mais aprofundada as demandas, interesses e potencialidades dos alunos e professores da rede local. Dessa forma, o evento não apenas reforçou a função extensionista da universidade, mas também evidenciou sua capacidade de articular ensino, pesquisa e extensão em uma ação integrada, promovendo a interação, a colaboração e o aprendizado mútuo entre todos os envolvidos.

3.3 Pós-evento

O processo avaliativo ocorreu mediante questionário aplicado a 83 participantes, conectado à plataforma Even3 que gerou certificados automatizados para 213 participantes, garantindo reconhecimento formal da participação.

Com os dados representados pela Figura 12, temos que a maioria absoluta dos participantes (75,9%) avaliou as atividades como muito satisfatórias, ao passo que 22,9% avaliaram-nas como satisfatórias. Temos, portanto, 98,8% - compreendendo quase a totalidade de respostas - apresentando uma avaliação positiva.

Figura 12 - Gráfico sobre a satisfação com relação às atividades

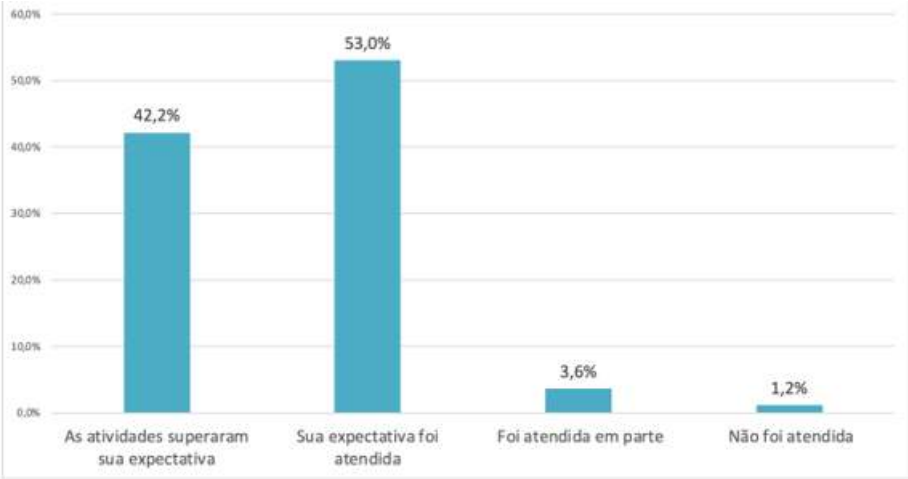


Fonte: Dados do questionário avaliativo

Somado a isso, a Figura 13 apresenta os dados referentes à relação entre as atividades desenvolvidas e as expectativas dos participantes, evidenciando um índice expressivo de aprovação: 95,2% de respostas positivas. Dentre esses, 53% afirmaram que suas expectativas foram plenamente atendidas, enquanto 42,2% ressaltaram que, mais do que atendidas, elas foram superadas. Esse resultado demonstra não apenas a efetividade das ações propostas, mas também o potencial de gerar experiências formativas e profissionais que ultrapassam o esperado, fortalecendo a percepção de valor da instituição. Tais índices reforçam a relevância da formação oferecida, bem como a importância de estratégias de acompanhamento e avaliação que permitam manter o

alinhamento contínuo entre as demandas do mercado e as aspirações dos estudantes do ensino médio.

Figura 13 - Relação entre atividades e expectativas dos participantes

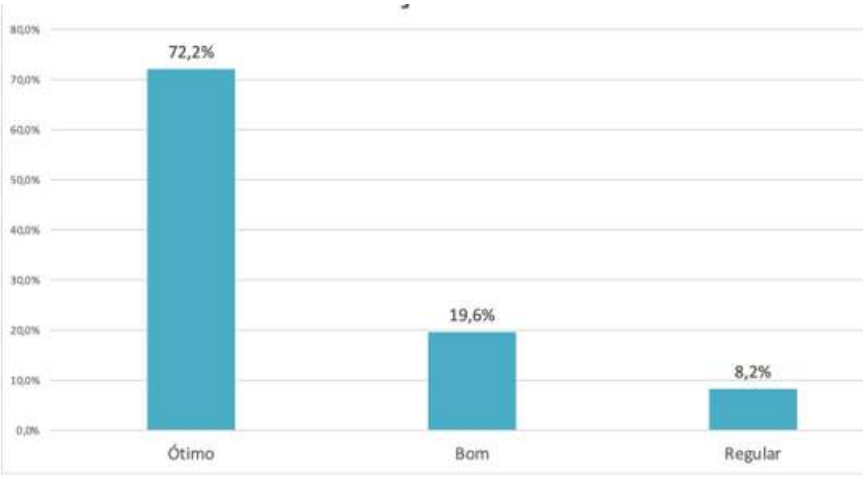


Fonte: Dados do questionário avaliativo

Portanto, combinados, os gráficos revelam muita satisfação dos participantes, indicando que as expectativas foram atendidas e as atividades tiveram um impacto positivo.

Além da avaliação geral, cada atividade foi avaliada individualmente – nas escalas: ótima, boa, regular, ruim ou péssima. Somando os dados das 11 atividades oferecidas, gerou-se a Figura 14, demonstrando que a grande maioria dos participantes classificaram as atividades como ótimas (72,2%); 19,6% classificaram-nas como boas; e 8,2% como regulares. Não tivemos, portanto, nenhuma avaliação negativa com relação às atividades.

Figura 14 - Soma das avaliações das atividades



Fonte: Dados do questionário avaliativo.

O questionário, para além das questões objetivas já apresentadas, incluiu duas seções de respostas discursivas, nas quais os estudantes puderam relatar os aprendizados mais significativos adquiridos ao longo das atividades e apresentar sugestões de aprimoramento para as próximas edições.

De modo geral, os participantes destacaram a importância de conhecer o câmpus da Unesp de Bauru e vivenciar a rotina de alguns cursos de graduação, reconhecendo a relevância de cursar o ensino superior após a conclusão do ensino médio. Maria Júlia Silva de Carvalho comentou que as atividades do evento a "incentivaram a estudar mais pra faculdade". Kauã Belissimo comentou que o evento foi essencial para o seu "desenvolvimento pessoal na criação de ideias e na realização (de) projetos de forma teórica e prática." Ademais, alguns estudantes comentaram sobre atividades específicas que lhes chamaram a atenção, como o comentário de Raynon Rodrigues de Oliveira sobre a prática Maker, no qual este afirma que aprendeu "(...) que o movimento maker vai além de criar objetos: é sobre colaboração, troca de ideias e transformar conceitos em soluções práticas. Como ferramentas simples, quando usadas com criatividade, podem gerar resultados incríveis." Ele completa que compreendeu "a importância do trabalho em equipe e da experimentação para tornar o aprendizado mais dinâmico e envolvente". Lucas Quaglia Puzzi menciona a atividade sobre redes sociais, afirmando que percebeu "o poder das redes sociais no desenvolvimento do caráter, personalidade e como moldadora (da) opinião da sociedade atual".

Com relação às sugestões de melhoria, os principais pontos mencionados foram a ampliação da divulgação pré-evento; o aumento na duração das atividades; a priorização de dinâmicas interativas; e a criação de momentos de interação entre os estudantes do ensino médio e os alunos de graduação. Foi mencionado o interesse em temáticas futuras que envolvam a área de programação.

O evento contemplou, ainda, seleção para bolsa PIBIC Júnior, conduzida por banca de docentes e discentes, assegurando a continuidade formativa e a inserção dos jovens na iniciação científica - ação alinhada às melhores práticas de extensão com foco na permanência e desenvolvimento.

Durante o período pós-evento a comissão organizadora elaborou o relatório técnico-financeiro e organizou linhas temáticas para a elaboração posterior de artigos que dialoguem com as atividades realizadas durante a Escola de Inverno de 2025. Dessa forma,

as experiências e os conhecimentos mobilizados poderão ser consolidados e compartilhados em formato de texto.

4. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

Durante os três dias do evento, as atividades foram pensadas para articular dimensões formativas, comunicacionais e culturais, criando um ambiente estético, reflexivo e participativo.

A programação inaugurou com acolhida institucional e visita guiada, seguida de rodas de conversa que discutiram oportunidades acadêmicas e trajetórias profissionais, promovendo a orientação vocacional e o engajamento dos jovens.

Oficinas como “Inteligência Artificial e ética digital” propiciaram debates críticos sobre o impacto da tecnologia na sociedade, estimulando a reflexão ética e política, enquanto “Podcast e voz: narrativas da juventude” incentivou a expressão e a construção de narrativas sonoras autorais.

Atividades de caráter prático, como “Preparação de fotos para mídias digitais” e “Cultura maker e prototipagem”, integraram teoria e vivência, favorecendo a experimentação e o protagonismo ativo. A exibição de produções audiovisuais de estudantes da FAAC e os debates posteriores enriqueceram o processo de aprendizagem coletiva, aprofundando o entendimento das linguagens midiáticas contemporâneas.

A concepção pedagógica adotada resgata os princípios de John Dewey (2010), valorizando a educação pela experiência, que fomenta a curiosidade científica, a autonomia e a colaboração entre pares, rompendo as fronteiras tradicionais entre escola e universidade.

5. RESULTADOS E IMPACTOS

Os resultados quantitativos evidenciam o alcance e a qualidade da iniciativa: adesão superior a 100% nas oficinas indica elevado engajamento, enquanto palestras e mostras audiovisuais mantiveram média de participação próxima a 77%.

A análise dos questionários confirma que 75,9% dos participantes classificaram as atividades como “muito satisfatórias”, e 22,9% como “satisfatórias”, totalizando 98,8% de avaliação positiva, com nenhum registro negativo.

Relatos qualitativos reforçam o impacto formativo e social da Escola de Inverno: a percepção dos estudantes sobre a dimensão colaborativa e criativa do movimento maker, assim como a motivação para continuidade dos estudos universitários, evidenciam a potencialidade da extensão enquanto prática transformadora da cidadania (Bordenave, 1989).

As escolas envolvidas expressaram interesse em manter parcerias sustentáveis com a Unesp, solicitando apoio continuado para ações de letramento digital, o que aponta para a consolidação de redes de colaboração entre universidade e ensino básico.

Institucionalmente, o evento estimulou a cultura extensionista na pós-graduação, promovendo protagonismo discente e interdisciplinaridade entre programas como PPGMIT, PPGCOM, FabLab, RTVI, Relações Públicas e Design. Tal articulação confirma conceitos defendidos por Demo (1997) em relação à extensão como produção de conhecimento socialmente relevante e integrada.

6. DISCUSSÃO: TECNODIVERSIDADE E INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA

A Escola de Inverno configura-se, assim, como um laboratório comunicacional vivo de tecnodiversidade, onde diferentes linguagens digitais, práticas pedagógicas colaborativas e reflexões éticas foram integradas de modo a fomentar um ecossistema comunicacional descentralizado e interativo (Santos, 2004).

Na concepção de Hui (2023), a tecnodiversidade implica o reconhecimento crucial da historicidade e culturalidade do conhecimento técnico, desafiando paradigmas ocidentais hegemônicos. A ação reforça esse entendimento ao acolher jovens com trajetórias escolares e socioculturais diversas, efetivando o papel social da universidade pública como promotora de múltiplas formas de conhecimento e tecnologia.

Ademais, o projeto dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, especialmente com o ODS 4 (Educação de qualidade), ODS 10 (Redução das desigualdades) e ODS 16 (Instituições eficazes e inclusivas), evidenciando seu alinhamento às políticas educacionais e sociais nacionais e internacionais.

A interação dialógica entre universidade e escolas públicas, por meio de ações extensionistas, constitui-se, portanto, em estratégia legítima e eficaz de democratização do conhecimento e empoderamento social, capaz de ampliar as possibilidades de inclusão digital com autonomia e criticidade.

CONCLUSÕES

A Escola de Inverno FAAC/Unesp 2025 – Caminhos da Tecnodiversidade consolidou-se enquanto modelo inovador e bem-sucedido de extensão universitária. Ao articular juventude, tecnologias digitais e comunicação sob uma perspectiva crítica, democrática e inclusiva, revelou não apenas eficiência operacional, mas impacto formativo profundo.

O evento estimulou o interesse juvenil pela ciência e pela universidade, ampliou a interlocução entre universidade e ensino médio e fortaleceu a cultura extensionista da FAAC/Unesp, reforçando a responsabilidade social da instituição pública.

Dessa forma, a universidade pública reafirma seu papel como promotora de ecossistemas de tecnodiversidade, nos quais o conhecimento é compartilhado, múltiplos saberes coexistem e a inclusão digital se configura como ferramenta potente de emancipação social.

A continuidade e ampliação de iniciativas similares são recomendadas para consolidar redes permanentes de inovação social e comunicação pública, inspirando projetos integradores que articulem ensino, pesquisa e extensão com relevância social em níveis locais, regionais e nacionais.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é participação. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CNE/CES. Parecer nº 608/2018: Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília: MEC, 2018.

DEMO, Pedro. Educação e qualidade. 4. ed. Campinas: Papirus, 1997.

DEWEY, John. Experiência e educação. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUI, Yuk. Tecnodiversidade. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2004.